ANTONIO MIMOSO RUIZ

Trabalhos Architectonicos

NO

Reinado de D. Manuel I

(Palestra associativa)

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO
Rua da Oliveira, 10, ao Carmo—Lisboa

1913

ANTONIO MIMOSO RUIZ

Trabalhos Architectonicos
NO
Reinado de D. Manuel I

(Palestra associativa)

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO
Rua da Oliveira, 10, ao Carmo—Lisboa

1913

TRABALHOS ARCHITECTONICOS

NO

Reinado de D. Manuel I

Um dos grandes periodos heroicos da historia portugueza e que tanto se assignalou por importantes descobertas, foi sem duvida o afortunado reinado de D. Manuel, e que tendo visto derrubar, com precipitada e implacavel violencia, o energico D. João II e o infeliz herdeiro da corôa portugueza, se achou, quasi sem para isso ter contribuido, no maior apogeu de gloria e opulencia a que um rei tem attingido.

Foi, porque uma pleiade de varões ousados e illustres lhe enramou a corôa com os louros alcançados em gloriosos feitos.

Emquanto Gil Vicente, o espirituoso trovador palaciano, fundava o theatro portuguez, e Bernardim Ribeiro, em sua maviosa e melancolica lyra, cantando saudosos amores, enriquecia a poesia; Ruy de Pina, Azurara e Duarte de Galvão immortalisavam em suas chronicas os feitos dos mais illustres heroes.

Ao mesmo tempo que Matheus Fernandes e João de Castilho rendilhavam e esculpiam os nossos mais preciosos brazões de architectura, Campello e Grão Vasco fundavam entre nós uma escola de pintura.

A fidalguia faustuosa e turbulenta, privada por D. João

do seu alto poderio no reino, arrojava para a amplidão dos mares os Gamas, Cabraes, Coutinhos, Sequeiras e tantos outros, que enthusiasticamente procuravam descobrimentos e conquistas, quasi sem mirar outro premio que não fosse a satisfação intima da consciencia e o desejo de bem servir a sua patria.

Para a realisação da mais gloriosa herança que D. Manuel recebera de seu antecessor é incumbido Vasco da Gama de descobrir o caminho maritimo da India, e depois de jurar pela Ordem de Christo que em serviço de Deus e da Patria hastearia entre gentios e mouros a bandeira que el-rei lhe confiava, largou em derrota ao Cabo Tormentoso, deixando na *Praia das Saudades* os lamentos da descrença e o pranto angustioso d'aquelles que, talvez para sempre, dos audazes navegantes se apartavam.

Revestidos de tão corajosa abnegação e animados de tão ardente fé christã, não houve perigos que se deixassem de affrontar e vencer, insubordinações que se não subjugassem, para lançar os fundamentos do poderio portuguez na India, fazendo tremular a bandeira da patria sobre a cidade de Calecut.

Para commemorar este feito que tão gloriosamente fechou o seculo XV mandou el-rei D. Manuel que na praia do Restello e local onde o infante D. Henrique havia eregido o hospital dos mareantes e a ermida de S.ta Maria de Belem, administrada pelos freires de Christo, se erguesse um mosteiro da ordem de S. Jeronymo e sumptuoso templo com a invocação da ermida, identica á do primitivo mosteiro em que na Palestina esse santo fundou o instituto da sua religião.

O estylo ogival que, quasi na sua primitiva pureza, se tinha conservado até meado do seculo XV e principiado a degenerar com D. Affonso V e mais ainda no tempo de D. João II; completa a sua degeneração pela alliança dos mais oppostos estylos, para na egreja de S.ta Maria de Belem nos dar na profusão dos ornatos o gothico florido, que embora não seja creação nacional, o denominámos manuelino por se ter completado com a ascenção de D. Manuel ao throno e desapparecido pouco depois da sua morte.

De nascente a poente, com perspectiva á praia d'onde as náus largaram para a India, corre a fachada d'esse magnifico monumento que pela variedade de folhagens, resaltos e pyramides arrebata e prende a attenção e curiosidade dos visitantes pelo que no frontespicio se vê e do interior se tenta descobrir.

Sobre o magnifico portico, que hoje é commum entrada para o templo, a imagem de S.ta Maria de Belem cortejada pelas virgens que se anicham em columnas que d'um e d'outro lado vão subindo; entre os capiteis S. Miguel advogado d'el-rei; ao redór do archanjo os doutores da egreja, e pouco abaixo os quatro maiores prophetas.

Encimando o pilar que ao meio divide o portico, a estatua do infante D. Henrique como fundador da antiga ermida e iniciador das descobertas maritimas, ladeada por S. Jeronymo de cardeal e penitente em adoração ao crucifixo.

No remate da pyramide em que esse pilar termina, S. Sebastião e o escudo das armas portuguezas com serpente sobre a coròa.

O portico da fachada principal, incompleto e adulterado pelos vandalicos trabalhos executados no reinado de D. Pedro II, é todavia de primorosa execução e excellente esculptura. Sobre a porta de silvados, arabescos e muitas imaginosas invenções, as armas de Portugal e os quadros representando o Nascímento, Annunciação e Adoração dos Magos; aos lados avultam as estatuas de D. Manuel e sua segunda mulher D. María, ambos de joelhos, tendo a do rei junto a si S. Jeronymo e a da rainha S. João Baptista.

Nas columnas torcidas, d'um delicado trabalho, as peanhas que sustentam os quatro evangelistas cobertos por rendilhados baldaquinos, e as estatuas de S. Pedro e S. Paulo em dois botareos de esmerados lavores que foram barbaramente cortados e rematados com urnas desdizendo por completo da architectura do portico.

Transportando o lumiar dos portaes, patenteia-se n'uma alliança de magnificencia e singeleza as naves e cruzeiro da egreja com os esbeltos pilares de festões e brutescos, onde se estribam e apoiam as engenhosas curvas dos artezoados

que adornam esteiradas abobadas, revelando a pujança e genio de João de Castilho, imaginador da traça d'esse grandioso trabalho que com tanto engenho e arte levantou sobre o planteado de Boytaca.

A capella-mór, onde mais esmerada devia ser a gothica ornamentação, como demonstra o arco que lhe dá accesso e os excellentes lavores dos pulpitos, lá apparece, pela criminosa phantasia de Jeronymo de Ruão, no estylo da renascença, não de esbelta fórma e brincados ornamentos como na França e Italia; mas d'uma renascença portugueza moldada pelas imperiosas influencias do melancolico e decadente reinado de D. João III.

Apezar, porém, do mau effeito esthetico que produz tão repulsiva antithese architectonica, talvez seja prudente não pensar jámais na sua reconstrucção. Nem sempre, n'essa epoca, o artista se preoccupava com a unidade da traça e harmonia do estylo, por isso aberrações identicas se encontram na sé de Evora e do Porto e ainda no magestoso templo de Thomar.

O claustro, um primor artistico, synthetisa, como todo o monumento, um dos mais brilhantes feitos da historia portugueza, traduzindo em todo o esplendor da fórma o pensamento que o ergueu.

São passados mais de quatrocentos annos que se realizou a viagem maritima para a India.

D'esse vasto emporio, descoberto por Gama e por Albuquerque elevado ao maior esplendor, restam apenas reliquias que mais são trophéus das nossas antigas glorias que elementos de poderio actual.

Dois importantes monumentos de genero differente, mas estrictamente ligados ao mesmo pensamento, perpetuarão, porém, atravez dos tempos, o mais notavel facto do seculo XV — *Os Lusiadas* de Camões e a egreja dos Jeronymos.

O monumento poetico, posto que de maior fragilidade, largamente reeditado e quasi cosmopolita, continuará a transmittir aos vindouros os arrojados commettimentos dos heroes que outr'ora, n'esse theatro de brilhantes feitos de armas, impozeram obediencia e respeito pela supremacia de Portugal em todo o Oriente. O monumento christão, sujeito aos estra-

gos do tempo e ao vandalismo dos homens, deve ser conservado como brazão de architectura e gloria, e que apezar das expressas determinações de só poder servir de jazigo aos principes de sangue, está hoje, ainda que a tal se não amolde, classificado pantheon naciónal.

Em paridade com Vasco da Gama e Luiz de Camões estão ahi já os restos mortaes do primeiro e mais imparcial historiador da peninsula e as cinzas do incontestavel chefe do nosso movimento romantico, vibrador sonoro d'uma lyra épica elegica e amorosa. E posto que o illustre poeta do *Campo de Flores* tenha um logar d'honra n'esse historico templo, o mais fecundo escriptor e original humorista portuguez, a quem a morte depurou os defeitos humanos, jaz em humilde cemiterio n'um tumulo de favor.

*

* *

Descoberto finalmente o caminho maritimo para a India, restava aproveitar esse glorioso feito para d'elle colher todas as consequencias que se antulhavam naturaes ao engrandecimento e prosperidade da nação.

Afim de que derivasse para nós a corrente do commercio indiatico, de que se alvejavam fabulosos lucros, tinham de organisar-se armadas numerosas e succederem-se expedições maritimas. Abaladas as classes sociaes pelo delirio das viagens e descobrimentos e fascinadas pelas amostras das riquezas orientaes, todos desprezavam o mister e a familia, deixando o solo patrio inculto e abandonado.

Engrandeciam-se os nobres, enriqueciam os mercadores de avultado trafico, mas, por detraz d'esse quadro deslumbrante de hypotheticas grandezas, alastrava a miseria, a fome e a corrupção nas camadas sociaes. Os desvalidos e enfermos, mortos de fome, cobertos de andrajos, minados pela peste, formigavam pelas estreitas viellas dos emmaranhados bairros ou amontoavam-se pelos arcos do Rocio e adros das egrejas. Os mortos deixavam-se ao desamparo na rua ou eram atirados pela ribanceira do Alto de S.ta Catharina para o rio.

O contraste entre os salões da velha Alfama, guarnecidos d'uma civilisação oriental sorridente e luxuosa, e os velhos albergues de S. Martinho e do Castello onde estiolava o povo á mingua das mais rudimentares necessidades, não podia deixar de confranger os corações onde existissem sentimentos de caridade e amor como os da bondosa rainha D. Leonor de Lencasfre e o do santo trinatario fr. Miguel Contreiras, que, movidos e congregados pelos mesmos piedosos intuitos, instituiram, na capella de N. S. da Piedade, no claustro da sé, a confraria da Misericordía, cujo compromisso representa a alta significação da misericordia divina, porque as miserias humanas, em toda a sua longa escala, encontram n'elle allivio, consolação e soccorro.

El-rei, ao regressar de Toledo, onde o haviam levado seus ambiciosos sonhos pela corôa de Castella, não só approvou a instituição que havia bem depressa de espalhar a flux os seus beneficos effeitos, mas ordenou ainda que se erigisse edificio digno de installar a caridosa confraria.

Proximo ao rio, entre a praça da Ribeira e a rua da Portagem, construiu-se o edificio formado por diversas officinas e dois recolhimentos para donzellas pobres, entre os quaes se erguia o magestoso templo que, depois de S.ta Maria de Belem, era o mais vasto e sumptuoso de Lisboa.

Na frontaria principal, olhando para o occidente, as portas e janellas que ostentavam todas as galas da architectura gothica, eram ornadas com estatuas de santos, figuras de cherubins e muitos silvados de singular invenção, onde campeavam, como divisas do rei venturoso, a cruz e a esphera, symbolo sagrado e prophetico emblema de redempção e de progresso.

As tres naves do templo dividiam-se por vinte columnas de finissimos marmores que sustentavam as abobadas de laçarias e artezões, e no topo do cruzeiro, entre dois altares, ostentava-se a capella-mór, monte de talha e de oiro, onde se relevavam primorosas esculpturas.

Quem foi que na sua phantasia artistica delineou esse templo repleto de ornamentações religiosas e poeticas?

Infelizmente das investigações feitas até hoje nada de po-

sitivo se apura, e provavel será que fique para sempre occulto na obscuridade dos seculos pela criminosa incuria dos historiadores cuevos.

Alguns momentos bastaram para que um violento abalo scismico transformasse n'um monte de ruinas o vasto edificio que levára mais de trinta e seis annos a erguer e de que não haveria talvez hoje vestigios se Pombal, o arrojado restaurador de Lisboa, não ordenasse que, com as suas ruinas e no mesmo local, se construisse a egreja aos freires de Christo, em troca da de N. S. da Conceição, situada na rua dos Prateiros, onde tinha sido a synagoga judaica e que com o terramoto padecera tambem grave ruina.

Da capella do Espirito Santo, que no corpo da egreja fundára no terceiro quartel do seculo XVI D. Simoa Godinho, não de estylo gothico que se achava então proscripto, mas no gosto moderno de architectura classica, pode dizer-se que nasceu a actual egreja que hoje vemos e que apenas se recommenda pelas duas elegantes janellas e magestoso portal que servia de porta travessa ao derrocado templo, não desde a sua primitiva construcção, mas provavelmente alli collocado durante a dynastia dos Filippes.

A esta reconstrucção, que segundo Luiz Gonzaga, foi dirigido pelo architecto Francisco Antonio Ferreira (o Cangalhas) presidiu um detestavel gosto, rematando uma fachada de estylo renascença com frontão de estylo classico e que por descuido e desleixo ainda não foi substituido por arrendado manuelino.

Conserva-se altaneira a egreja dos Jeronymos, padrão commemorativo do descobrimento d'esse poderoso imperio oriental conquistado em lucta heroica e gigantesca e por toda a especie de prevaricações hoje anniquilado e pobre, sem que das suas riquezas tivessemos colhido proveitosos fructos.

Desmoronou-se a egreja da Misericordia, symbolo de consolação e allivio; mas a benefica instituição ahi iniciada e levada por D. Manuel a Montemór o Velho, Evora, Thomar, Vianna do Castello e Coimbra, engrandecendo-se e reproduzindo-se pelo paiz inteiro, veio até nós abençoada sempre pelas gerações successivas dos desgraçados e humildes.

Concluiu D. Manuel tambem o hospital real de Todos os Santos, principiado por D. João II e que se erguia alteroso ao lado oriental da praça do Rocio, cuja fachada e portal eram de soberba architectura, onde os pelicanos e a esphera davam o cunho dos reis que o haviam edificado. Dois incendios e o terremoto destruiu por completo o edificio, de que não restam hoje os mais insignificantes vestigios.

*

* *

Ao mesmo tempo que o cinzel esculpia gentis e variados lavores nas egrejas da Misericordia e Jeronymos, desmoronava-se carcomido aos estragos de quatro seculos o venerando mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, cujas fundações haviam sido cavadas pelo mesmo braço que com espada invicta nos libertou da dependencia de Castella, e vencendo as hostes sarracenas, fundou em Ourique a monarchia portugueza.

D. Manuel, ancioso sempre por deixar seu nome vinculado aos principaes monumentos, não podia olvidar o velho mosteiro que abrigava as cinzas dos dois primeiros reis e por isso incumbiu a mestre Nicólau, João de Ruão, Filippe Uduarte e Jaques Loguim a sua reedificação.

A discordia e omissão que no campo da historia artistica tantas vezes revelam as velhas chronicas, impede, como agora succede, poder garantir a authentidade d'esta resenha e menos ainda destrinçar qual o gráu de gloria que a cada artista cabe na decoração do monumento.

Quem attentamente estudar o edificio terá de reconhecer que a sua fabrica não obedece á inspiração d'um só genio.

A porta do templo — Portal da Magestade — formado por arco de volta inteira com lavores e ladeada por botaréos esculpturados e nichos com estatuas, cujos baldaquinos servem ainda de adorno á grande janella rasgada sôbre o portal, destôa na sua elegancia e atavios do resto da fachada pesada e tosca, relembrando ainda as primitivas torres ameadas que apropriavam o mosteiro a baluarte de defeza.

Ao entrar na egreja, em opposição ao que succede nos Jeronymos, não encontramos os encantos que a belleza da fachada nos promette, apezar da sua abobada de cantaria artezoada que trabalhos posteriores grosseiramente mascararam com pinturas e dourados.

A propria capella mór pouca originalidade apresentaria se nas suas paredes lateraes não estivesssm os tumulos mandados construir por D. Manuel para recolher as cinzas dos dois primeiros reis, que em sepultura raza jaziam, junto do portal no adro da egreja. Embora singelos os tumulos, os arcos ou porticos que os cobrem, assemelhando-se ao portal dos Jeronymos, pela variedade de lavores, recortes e esculpturas, são de aprimorada execução.

A mais preciosa obra d'arte, e que de preferencia attrahe o observador intelligente, é sem duvida o magestoso pulpito onde o culto e primoroso cinzel de Jacques Cuchim ou melhor talvez de João de Ruão imprimiu a mais perfeita comprehensão da faustuosa renascença. Se as grandes estatuas dos velhos doutores da egreja, representam os mais perfeitos typos anatomicos da decrepitude, nem por isso deixam tambem de realçar as figurinhas d'anjos cheias de vida e de graça. A modelação do nu e as amplas prégas dos brocados, destacam-se e ligam-se n'um arranjo architectonico de vivacidade e arte que vai ás minucias dos mais pequenos ornamentos.

O claustro do silencio, que dos outros se salienta em architectura e belleza, não é bem fundação de D. Manuel como demonstram os escudos de D. Pedro de Gaivão; mas talvez com o seu auxilio construido.

Entre os crimes de lesa arte que por vezes se teem commettido em todas as dependencias do velho mosteiro, destaca-se o do portico de cantaria com as estatuas da fama, que á láia de guarda vento arrumaram ao portal da magestade para lhe encobrir os estragos que o embate do tempo produziu; enxertia vergonhosa que já teria sido banida em qualquer paiz onde se comprehendesse o valor dos monumentos historicos e artisticos.

A reedificação d'este velho mosteiro, que se revestiu com as galas da architectura manuelina, foi o centro d'onde irra-

diou para toda a região de Coimbra esse notavel impulso artistico que produziu apreciaveis exemplares architectonicos e iniciou uma successão de artistas notaveis, cuja actividade e aprimorado gosto se prolongou até meados do seculo dezesete.

Ainda D. Manuel fundou alguns mosteiros e contribuiu para a reedificação d'outros em Montemôr o Novo, Serpa, Alemquer, Berlengas, Pinheiro Grande, S. Francisco de Lisboa, Ave Maria do Porto e S. Francisco d'Evora, cuja egreja é depois da Sé a mais magestosa da cidade.

*

* *

No grandioso mosteiro mandado edificar pelo nosso primeiro rei, quando no elevado e quasi inaccessivel castello de Santarem o pavilhão das quinas campeou victorioso sobre o crescente mussulmano, fez D. Manuel obras de importancia.

Alem das reparações na capella mór e do magestoso còro ornamentado com as figuras dos mais illustres varões da ordem de S. Bernardo, cadeiras e columnas lavradas e guarnecidas de esculpturas, mandou el-rei que João de Castilho, Ruy Garcia e Mestre Nicolau fizessem as salas da livraria e sachristia.

A bibliotheca, posto que a altura não corresponda á sua vastidão, nem contenha primores artisticos, apresentava pelos variados ornamentos, de que mais tarde a despojaram, uma prespectiva de magnificencia que encantava.

Na sachristia, espaçosa e bem construida, salienta-se a brincada ornamentação do esbelto portal em que o marmore como que phantasia os floridos ramos que entreteceram a corôa do afortunado rei.

Estas e outras obras, que antes e depois se fizeram no mosteiro, alteraram bastante a fabrica primitiva, principalmente na fachada da egreja, onde as singelas galas do estylo ogival se desfiguraram com ornamentações da renascença.

Se estes anachronismos fizeram desapparecer um dos nossos raros monumentos gothicos, deixaram-nos entretanto

um valioso auxilio para o estudo historico e artistico da architectura e esculptura no paiz, visto que n'elle se encontram specimens d'essas artes desde a sua fundação até principios do seculo dezoito.

*

* *

Não podia D. Manuel deixar de ligar tambem o seu reinado a essa iliada de pedra, ao mesmo tempo religiosa e patriotica, commemorativa d'uma renhida e gigantesca lucta em que Alvares Pereira, Ruy de Vasconcellos e Antão d'Almada, capitaneados pelo Mestre d'Aviz, cheios de fé e amor patrio, á voz de Portugal e de S. Jorge, pelejando braço a braço, arcando peito a peito, desbarataram as hostes de Castella, triumpho que assegurou a nossa independencia e abrio para Portugal um brilhante periodo de prosperidade e rejuvenescimento nas lettras, nas descobertas e nas artes.

E se D. Manuel determinou que Matheus Fernandes, ao mesmo tempo que levantava a egreja parochial de S.[ta] Cruz, proseguisse na construcção das capellas da Batalha, iniciadas por D. Duarte, não foi no intuito de lhe servirem de jazigo, como muitas vezes se tem escripto, mas para pantheon de reis e principes que na egreja e capitulo estavam em tumulos provisorios, e muito principalmente para resgatar á humildade do suppedaneo d'um altar o corpo do eloquente principe de Aviz, esbulhado, como se não fôra tambem digno filho de D. João I, da sumptuosa capella sepulchral.

Se em todas as producções da arte, até mesmo nas representações de pura phantazia, a harmonia do pensamento é condição essencial, não pode ella deixar de ser observada na architectura monumental, e por isso, em qualquer reconstrucção ou annexo, deve haver o maximo empenho em banir tudo que possa alterar e destruir o pensamento de unidade que presidiu á traça do primitivo e principal edificio.

Posto que as capellas imperfeitas e seus magestosos portaes captivem e deslumbrem pela belleza da luxuosa ornamentação e podessem isoladamente considerar-se uma pom-

posa construcção, não deixam, todavia, em relação ao principal monumento, de ser uma excrescencia emprehendida contra as indicações da arte e do bom gosto, não só pela differença do estylo architectonico, mas tambem por mascarar a vista exterior da capella-mór e impedir o escoamento da luz atravez dos transparentes coloridos.

Vê-se, porém, na simplicidade das janellas e nos gigantes que fortalecem as paredes, despidos de todos os enfeites caprichosos que caracterisam o gothico-florido, que na traça e começo das capellas seguiu-se a architectura do principal monumento, sendo por isso provavel que as alterações no estylo tivessem começado no reinado de D. Affonso V, quando entre nós appareceu a degeneração do gothico para como que principiar o estylo florido, que no reinado de D. Manuel constitue o mais importante trabalho das capellas e que Antonio de Castilho, aliaz eximio artista, rematou em tempo de D. João III, com frisos e balaustradas pertencentes ao estylo renascença.

Se a conclusão das capellas incompletas equivale a uma affronta ao principal monumento, a incuria pela conservação de tão grande obra, que representa tres epocas diversas da nossa historia architectonica, seria um erro imperdoavel. Basta já, para vergonha nossa, os estragos que lhe tem causado a inclemencia das estações.

O claustro real, incompleto desde a morte de D. João I, foi ornamentado logo que D. Manuel subiu ao throno, com laçarias e lavores, principalmente nas bandeiras dos arcos e no brincado portal que dá accesso ao mosteiro.

Outro monumento, alèm dos Jeronymos, nos ficou ainda, se é verdadeira a tradição, para commemorar o descobrimento do caminho maritimo da India. E' o antigo convento da Pena, situado no alto da pittoresca serra de Cintra, que D. Manuel mandou edificar, como recordação da segunda viagem feita por Vasco da Gama. Esse pequeno convento, que nos claustros, abobadas da egreja e casa do capitulo se parecia ao de Belem, quasi desappareceu pelas diversas obras posteriormente feitas; a egrejinha primitiva restaurada com demasiados, posto que elegantes ornatos, lá se conserva como que

esmagada pelo sumptuoso palacio acastellado que el-rei D. Fernando edificou.

*

* *

Entre as obras feitas por D. Manuel em diversos monumentos assumem primordial importancia as executadas no convento de Thomar.

Não nos deve admirar que assim succedesse; razões de sobejo existiam para que el-rei tivesse, pelo convento de Christo, especial predilecção. Ao duque de Vizeu, assassinado por D. João II, succedeu no cargo de governador da Ordem de Christo o duque de Beja D. Manuel, que, apezar de pouco depois subir ao throno, não declinou em todo o seu reinado a direcção d'essa milicia, que em defeza da fé e da patria se engrandeceu por immensas façanhas de valor e de civismo.

Os cavalleiros de Christo, libertos das algemas de D João de Castella, assignalaram-se na batalha de Aljubarrota e desde que ao aceno do infante D. Henrique se lançaram em ousadas aventuras maritimas, jámais, até ao fim do reinado de D. Manuel, deixou sua bandeira de tremular nos baixeis que atravez do Oceano procuravam novas descobertas.

O rei que realizou os phantasiados sonhos do inclito D. Henrique não podia deixar de ataviar com as galas da architectura manuelina o singelo mosteiro onde os cavalleiros de Christo depositavam, em canticos de louvor, os tropheus de suas descobertas e conquistas.

Ainda o notavel architecto João de Castilho, e não Aires de Quental, o habil metallurgico, planeou e dirigiu as obras do convento.

O pequeno e humilde templo, conservando a primitiva forma geral, foi reservado para capella-mór do corpo da egreja que de novo se erigiu, com tanta simplicidade interior, que na abobada de laçaria existe o seu principal adorno, e muito pobre de ornamentação ficaria se o côro não fosse guarnecido com o formoso mobiliario esculpturado por Olivel de Grand.

o maior primor d'arte que n'este genero entre nós se executou e que os francezes na maior parte destruiram a golpes de machado.

Em contraste com a simplicidade interna da egreja está a magnificencia da ornamentação exterior.

Que diversidade de lavores nos gigantes entrepostos ás formosissimas janellas que illuminam o corpo da egreja!

Que graciosos festões de fructos e folhagens moldurам as estatuas dos botareos, que, enfeitados das mesmas laçarias e subindo pelos angulos das fachadas, terminam em guarnecidas pyramides, ligadas entre si pela delicada renda de cruzes de Christo e espheras armilares que corôa e remata em redor o edificio.

O claustro de S.ta Barbara é pequeno mas de boa architectura, e a casa denominada do capitulo, que pelas suas acanhadas dimensões não podia ter servido para tal fim, mas sim de sachristia, está compensada da sua avára ornamentação interna pela unica mas lindissima janella guarnecida de troncos cobertos por folhagens, umas vezes recortadas por laçadas, outras correndo em graciosas cercaduras que se entrelaçam com as espheras e prendem o escudo manuelino.

Não reedificou unicamente D. Manuel o convento dos cavalleiros de Christo; mas ainda a egreja de S.ta Maria do Olival, matriz d'essa guerreira ordem do Templo, que, intrepidamente, auxiliou o fundador da monarchia a libertar do jugo sarraceno o solo portuguez e que por toda a parte levou a fama de seus heroicos feitos. As obras ahi executadas foram porem mesquinhas, prejudicaram a disposição symetrica do templo, tiraram-lhe a singeleza caracteristica da sua antiguidade, destruindo ainda os tumulos de Gualdim Paes e de muitos outros dignos do maior respeito.

Foi a ordem dos templarios traiçoeiramente arruinada e abolida pela ciumenta vaidade e ambiciosa cubiça de Filippe o formoso.

Depozeram os cavalleiros de Christo a espada gloriosa que engrandecera o poder da monarchia para se encerrarem, coagidos por D. João III, na estreiteza d'um claustro, onde as vicissitudes da sorte, o fanatismo religioso e a decadencia do

espirito patriotico lhes fez curvar a fronte submissa e parece que até prestar auxilio á intrusa dynastia filippina.

Ficaram-nos porem, para recordar tão intrepidos campeões da Cruz, essas altivas torres ameadas tão galhardamente defendidas e esses vetustos templos que devemos conservar e acatar.

Ainda os dois melhores edificios que se erguem na praça de Thomar—Camara Municipal e Egreja de S. João Baptista —são devidos ao magnificente animo de el-rei D. Manuel, como muito bem o attesta o seu genero architectonico.

*

* *

Outros templos existem a que D. Manuel deixou seu nome vinculado. Em Lisbòa manda construir o portal da Magdalena, reedifica a egreja parochial de S. Julião e procede á reconstrucção da real casa de S.to Antonio onde ao tempo se achava installada a camara municipal, edificando a egreja segundo as disposições de el-rei seu antecessor.

Na sé do Porto, cumprindo ainda as determinações, de D. João II, é construido o sarcophago para as reliquias de S. Pantaleão.

Na provincia, alem das egrejas já mencionadas e do convento do Senhor da Serra, de Almeirim, sete ha ainda dignas de registo.

Uma é o magnifico templo de Azurara que el-rei de regresso da Galliza, ahi mandou edificar.

Outra, a matriz de Caminha, bello templo de architectura gothica, rebusta cantaria, portas decoradas de primorosas estatuas e cujas janellas e cimalhas se ornam de esculpturas e arabescos.

O tecto da egreja apainelado com madeiras de variadas cores, é o unico que em tal genero existe no paiz.

A reconstrucção já principiada por D. João II na egreja edificada por D. Diniz em Vianna do Alemtejo, com seu magnifico portal gothico-florido e janellas ornadas de vidros coloridos como os da egreja da Batalha.

A egreja matriz da Gollegã vasto e bem edificado templo, cujo arco cruzeiro se adorna com as galas da architectura manuelina.

Na egreja de S.ta Maria de Marvilla em Santarem, alem da ampliação do corpo da egreja e do seu esbelto portico, reedifica-se por completo a capella mór.

Conclue-se a egreja de S. Francisco em Evora, principiada por D. João II que é a mais magestosa da cidade e celebre pela extraordinaria largura sem pilares que ajudem as paredes a sustentar sua abobada.

A setima finalmente, é a sé episcopal de Elvas, fundada no local em que existia a antiga matriz. As três naves são cobertas por abobadas de marmore com artezões e laçarias, paredes forradas de valiosos azulejos, apresentando a sua torre uma notavel e singular architectura.

*

* *

D. Manuel que enobreceu a villa d'Elvas com fóros de cidade, mais alguns beneficios lhe prodigalisou. Dentro de seus muros não havia até ao fim do seculo XV mais agua potavel que a do poço de Alcalá, com manifestos indicios de estiagem.

Sobresaltados os habitantes recorreram a el-rei que logo mandou proceder ás obras necessarias, creando para isso o *imposto do real d'agua* que depois se generalisou pelo paiz. Estes trabalhos foram o inicio da construcção do aqueducto da Amoreira, que tão importantes beneficios trouxe á cidade como já expuz n'uma das minhas anteriores palestras.

Mas não foi só para abastecimento d'Elvas que D. Manuel emprehendeu trabalhos. Concluiu os aqueductss de Lagos e Arcos de Valle de Vez; construiu canalisações e chafarizes em Beja e Evora; providenciou para a conservação e pureza das aguas do chafariz d'El-rei de que se provia a capital e forneciam as armadas; foram reconstruidos os chafarizes de Cata-que-farás e Cavallos e encarregou ainda Francisco de

Hollanda e João Fogaça do projecto d'um chafariz monumental para o Rocio.

Estes trabalhos, que teriam somenos importancia para a nossa actual civilisação, eram todavia considerados de alta valia n'essa epoca em que a agua escaceava para as mais rudimentares necessidades da limitada população da capital, população que D. Manuel augmentou, mandando construir casas desde a porta d'Alfofa ao longo da Costa do Castello até ao postigo de Sta Maria da Graça, isentando os terrenos de fôro e os moradores de contribuições e serviço militar.

Como medida de salubridade convem recordar que, além das diversas canalisações de esgoto que por sua iniciativa se construiram em Lisboa, mandou esgotar os pantanos que rodeavam a povoação de Muge, cujas emanações deleterias comprometțiam a vida de seus habitantes.

*

* *

Apezar do reinado de que nos vamos occupando ter sido de paz e n'esse periodo glorioso se tornasse difficil descobrir os germens d'uma proxima decadencia que nos obrigasse a luctar pela independencia da patria, não deixou, todavia, D. Manuel de emprehender alguns trabalhos de fortificação e aperfeiçoamento de material de guerra.

Executou-se, sob a direcção de Boytaca, a formosa torre de S. Vicente de Belem, projectada por Garcia de Rezende em tempo de D. João II, para cruzamento de fogos com a torre velha construida por D. João I na outra margem do Tejo. E se nenhum valor tem hoje como fortaleza de guerra, é incontestavelmente uma das mais preciosas joias da nossa corôa artistica, que, levantada no meio das ondas para reprimir affrontas, tão deploravelmente se vê agora affrontada por mesquinhas e vergonhosas construcções.

Reedificaram-se e completaram-se os castellos de Almeida, Alfayates, Campo Maior, Olivença, Castello Bom, Salvaterra de Magos, Alcacer do Sal e Almeirim.

Sabemos que até ao reinado de D. Manuel toda a polvora que se consumia em Portugal era importada da Hollanda; mas, querendo el-rei applicar a grande quantidade de salitre que da India nos vinha, resolveu tentar a manipulação d'este material de guerra. Estabeleceu para esse fim em Barcarena uma fabrica de polvora e armamento, denominada *Ferrarias d'El-rei*, e que depois de usofruida por diversos arrendatarios passou, em 1802, a ser administrada pelo arsenal do exercito, e outra officina de polvora e fabricação de canhões estabelecida ás portas da Cruz, no espaço hoje occupado pela Fundição de Baixo ou Arsenal do Exercito.

Tambem edificou as *Tercênas do Cata que Farás*, com officinas d'armas e fundição de artilheria de que não restam vestigios, porque o forte de S. Paulo, dependencia d'essas tercênas e o unico que d'ellas existia em 1872, foi demolido, vendo-se hoje n'esse local a Assistencia aos Tuberculosos. Apezar d'estas officinas e d'outras que depois se estabeleceram pouca polvora se manufacturou, e só mais tarde o notavel polvorista Carlos d'Azevedo introduziu melhoramentos para produzir com superior qualidade quantidade sufficiente.

*

* *

N'esta epoca pouco interesse se ligava á viação publica. A conservação das antigas estradas romanas e vias vicinaes estava a cargo de trabalhadores que apenas cuidavam de leves reparações. Acontecia, por isso, que, em algumas provincias, difficeis eram os meios de communicação. Ponte de Lima, por exemplo, onde actuaram sinistramente as luctas pelo casamento e morte de D. Fernando I, chegou, pela destruição dos exercitos e fuga dos seus moradores, a tal estado de decadencia, que teria ficado, como no tempo de D. Pedro I, n'um monte de ruinas se D. Manuel, ao passo que reformou o seu foral, não determinasse, para lhe attrair moradores, isenção de direitos e pagamentos de portagem. Com esta medida e construcção de novas vias de accesso e reconstrucção

da sua magnifica ponte, prosperou a villa, chegando a conter dentro dos seus muros mais de tres mil habitantes. Ainda el-rei em diversos pontos do paiz melhorou estradas e reconstruiu as pontes de Olivença, Coimbra e da Asseca, em Santarem.

*

* *

Depois de ficarem mencionados os principaes monumentos religiosos e militares, para cuja construcção e engrandecimento D. Manuel contribuiu, vejamos, em rapida resenha, o que n'este paiz se fez em edificios de caracter civil.

Se Vianna do Castello é celebre na historia contemporanea e nos annaes das nossas discordias civis, não foi menos afamada e prospera no reinado de D. Manuel, porque os pobres pescadores da foz do Lima, incitados pelas descobertas maritimas, abalançaram-se aos mares, e seu porto, accommodando a custo os navios que o demandavam, transformou Vianna n'um emporio de generos coloniaes. Attestam bem sua passada e subida florescencia, entre muitos edificios de brincado estylo, a sua egreja matriz de floreados portaes, e a da Misericordia, d'uma architectura original e unica, ambas fundadas pelo mesmo rei que reedificou e guarneceu de artilheria a fortaleza da Roqueta. E se os moradores de Vianna, em prova de gratidão, ergueram as muralhas da villa á sua propria custa, pagou-lhes el-rei com bizarria o sacrficio, entregando á camara o seu brazão que, ao lado das armas da cidade, ostenta e enobrece a vasta fachada dos paços do concelho que D. Manuel edificou.

O paço de Cintra, apezar das transformações por que tem passado, revela bem, pelo plano geral da sua traça, disposições interiores alheias aos nossos habitos, denominação de aposentos e mais analogias com a Alhambra, ter sido habitação de alguma alta personagem mahometana no tempo em que Lisboa foi pelos mouros occupada. Desde que D. João I o reconstruiu, até ao reinado de D. João II, foi este palacio mais theatro de maguas e saudades que de distracções e folguedos.

N'elle soffreu D. Duarte as saudades pelo irmão que não pôde resgatar do captiveiro; D. Affonso V, ferido nos brios de cavalleiro, nas ambições de rei e nas affeições de esposo, ahi occultou os seus desenganos, e ainda D. João II e D. Leonor lá choraram o filho desastradamente morto.

Foi no reinado de D. Manuel que este palacio tomou mais louçan aspecto pelos serões e danças da polida côrte do venturoso rei e pelas obras que n'elle se fizeram.

Além da sala dos cysnes, mandada pintar por D. Manuel em recordação dos que lhe offertára seu genro e que haviam morrido por desastre, e da sala d'armas, cujos brazões perpetuam a memoria de muitos portuguezes illustres que em seu reinado se distinguiram por serviços ao rei e á patria, foi ainda exteriormente ataviado por brincadas janellas e pelo magestoso *portal das damas* ornado de silvados, flores, fructos e variados arabescos. Attribue-se á iniciativa de D. Manuel um bello fogão de marmore ali existente. Essa riquissima obra, projecto de Miguel Angelo, foi offertada pelo papa Leão X a el-rei para o palacio que em Almeirim havia edificado afim de passar as estações invernosas e ao qual se acham ligadas tantas recordações venatorias e litterarias. Se hoje se encontra em Cintra foi porque o marquez de Pombal o mandou para este palacio remover.

Embora conviesse, para o estudo das artes, tratar das reedificações que em Cintra se teem feito e destrinçar os reinados em que tiveram lugar, teria para isso de fazer analyses e confrontos, para que não tenho competencia technica e que se não amoldariam a uma despretenciosa palestra que apenas visa a enumerar trabalhos executados n'um determinado periodo.

A'cerca do monumental repuxo manuelino que se acha collocado na praça de Cintra e do pelourinho que uma vereação ignorante entregou á vandalica destruição de um mestre ferrador, abstenho-me de descripções e commentarios, já tão judiciosamente feitos n'uma interessante noticia historica do meu dilecto amigo e erudito collega Antonio Mena Junior.

Ao mesmo tempo que se transformava em paço real o

antigo palacio arabe, mandava D. João I reedificar, para goso de seus filhos, a antiga casa da moeda a pár de S. Martinho, lugubre edificio onde pouco antes o odioso conde d'Ourem baqueava a golpes de sicario e traiçoeiro cutello, deploravel façanha d'esse possante e juvenil mestre d'Aviz, que brandindo com valentia e lealdade o montante em Aljubarrota, entrelaçou de laureis a coròa que a plébe revoltada lhe offertáva nos vergonhosos preludios de tão glòriosa revolução.

Foi n'essa nobre residencia de heterogeneas frontarias e senhoriaes coruchéos que D. Manuel mandou fazer importantes trabalhos, afim de accommodar o edificio não só a *casa da supplicação e do civil* mas ainda a cadeia publica.

Arruinado o palacio, foram em 1758 transferidos os tribunaes para a historica casa dos Almadas, continuando o edificio a servir de cadeia emquanto se não edificasse o novo tribunal planeado por Volkmar Machado. Infelizmente esse plano não se poz em execução e nenhum governo até hoje tomou a iniciativa de nos libertar de vez d'esses vergonhosos pardieiros ainda denominados Limoeiro e Boa Hora.

Desde que D. Affonso III, repartindo com Lisboa a regalia então exclusiva de Coimbra de n'ella habitar a còrte, mandou edificar palacio junto ás muralhas do Castello, até ao reinado de D. João II, houve em Lisboa alem do Limoeiro os paços das Alcaçovas, Santo Eloy, S. Christovão, Santos-O-Velho e Bragança; todos porem, apezar da sua nomeada, eram de acanhada fabrica.

Podemos por isso dizer que o primeiro edificio de Lisbòa a que se pode dar a denominação de paço real foi o da Ribeira construido por D. Manuel em terrenos conquistados ao Tejo e para sua residencia permanente.

Não é facil determinar a data da sua fundação nem, pelas genericas narrações de Rezende, Duarte de Sande e Damião de Goes e confusão das antigas gravuras, precisar o verdadeiro local que em relação aos actuaes edificios occupava o primitívo palacio.

Parece, porem, que o grandioso paço e delicioso jardim existiam na arèa onde hoje está o ministerio do reino e camara municipal, guarnecendo com as fachadas a parte sul e leste

do antigo largo da Tanoaria, onde havia um arco de passagem para o pateo da capella de S. Thomé, que por seu turno communicava com o Terreiro do Paço por outro arco correspondente á entrada da actual rua do Arsenal.

Um lanço do edificio guarnecia o lado occidental do Terreiro, sob cujas arcadas e por determinação d'el-rei se estabeleceram não só *as casas da contrastação da Guiné e India*, onde se arrecadavam as especiarias e riquezas que os navios importavam; mas tambem *os almazens*, valioso arsenal composto de artilheria, arcabuzes, piques e béstas em quantidade bastante para pôr em pé de guerra perto de quatro mil homens.

E se este paço não ostentava exteriormente galas architectonicas, em compensação o fanatismo da grandeza e o gosto artistico d'el-rei, patenteavam-se em demasia na luxuosa ornamentação dos seus salões, onde umas vezes a fidalguia, entrajada com esplendor, dançava ao som das harpas e alaúdes que tangiam os mais nomeados artistas da Europa, e outras noites, em mais intimos serões, Gil Vicente, dando nova phase á litteratura theatral, representava os monologos, tragicas comedias, autos e farças cheias de verve e sarcasmo.

Junto ao paço da Ribeira e espaço hoje occupado pelo arsenal de marinha, ampliou D. Manuel o estaleiro por D. Affonso V iniciado, onde, no fragor dos camartellos e labutação dos operarios amestrados, se fabricavam as náus e galeões, que, enfunando as vélas e abrindo audacioso vôo para aventurosas derrotas, levavam por toda a parte a fama do nome portuguez.

El-rei, enthusiasta pelo engrandecimento da marinha, vigiava nos eirados do palacio a faina das construcções, e descendo á ribeira das náus, para baptisar os barcos concluidos, elle proprio, fazendo-os deslizar pelo ensebado trilho, os arremessava para o rio; seguia-os com a vista na partida e quando mergulhava na linha do horisonte o encarnado estandarte, pendente ao cesto da gavea, via ainda, com jubiloso orgulho, tremular no tope grande a branca bandeira com as armas que symbolisavam o seu alto poderio.

*

* *

Apezar de tudo que ha mais de tres seculos se tem escripto ácerca de D. Manuel, parece que a sua figura historica não está ainda perfeitamente estudada e definida.

A reforma dos antigos foraes, que uns consideram como obra meritoria do mais subido alcance para as relações internas do paiz, alcunham outros de astuciosa medida para immolar ao predominio real as immunidades dos concelhos.

Ao passo que uns encarecem as honras ao Gama concedidas pela generosidade regia, outros recriminam a ingratidão com que o rei humilhou o navegador que lhe abrilhantou a corôa ás exigencias do inutil bastardo que quasi o preteriu no throno.

Attribue-se a expulsão dos mouros e dos judeus umas vezes ao fanatismo religioso do monarcha e outras ás imposições de Castella, cuja corôa tanto ambicionava.

Deixemos, porém, que os historiadores, depois de revolverem nos archivos os documentos talvez ainda hoje não explorados, ajuizem com criterio se os desgostos dos primeiros vice-reis da India, o desdem de Fernão de Magalhães e mais actos por D. Manuel praticados, foram filhos da sua propria indole ou influencias do poder real, solida e despoticamente já estabelecido pela vontade potente de seu antecessor.

Deixemos tambem aos homens de lettras o commentario do grande movimento produzido na litteratura por Gil Vicente, Ayres Barbosa, Garcia de Rezende e Bernardim Ribeiro, que em cantos e chronicas pagaram a el-rei a illustrada protecção que receberam.

Não podemos, porém, deixar de reconhecer que o seu reinado foi uma das mais gloriosas paginas na historia da arte, onde a actividade architectonica e artistica nacional teve extraordinario desenvolvimento.

A archeologia encontra d'essa epoca um vastissimo campo de investigações e estudos para todos os seus variadissimos ramos, em que se salientam os trabalhos monumentaes que

pullulam pelo paiz, attestando a munificencia regia e o valor d'esse viveiro de artistas que se immortalisaram pela grandeza das construcções, elegancia das linhas e rendilhado dos calcareos.

Pena é que não exista ainda uma historia evolutiva e comparativa da architectura portugueza, ou pelo menos as monographias de todas essas construcções, officialmente elaboradas e profusamente distribuidas, afim de estimular o amor pelos nossos monumentos.

A' iniciativa official pouco se deve, os poderes superiores mesquinha consideração teem ligado aos assumptos archeologicos e architectonicos, e por isso temos sido, desde ha muito, por incuria e ambiciosa ganancia, esbulhados do valioso patrimonio que os nossos antepassados nos legaram e entregues ao estrago dos seculos e vandalismo dos homens muitas construcções magestosas e sublimes, levantadas por amor da gloria, da religião e da patria.

E se nos mais paizes cultos esses monumentos são dignos da desvelada attenção dos legisladores, não deixemos nós tambem de os conservar e respeitar, porque, se para uns são symbolos de piedosas crenças, para todos representam tradições gloriosas, que nos transmittem as sublimes missões de Portugal na intensa vida d'outros seculos.